

MOBILIDADE DO TRABALHO E PRECARIZAÇÃO DA VIDA EM ITAPETINGA/BA: O PÓLO VULCABRÁS/AZALÉIA E O DESCARTE DOS TRABALHADORES

Juliana Pereira Barbosa

Graduanda em Geografia/UESB

Email: anailuj140@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo analisar a mobilidade do trabalho e os processos que implicam essa atividade, abrindo uma discussão desde à precarização até a desqualificação dos trabalhadores da indústria contemporânea, o que provoca de modo efetivo o desemprego e a informalidade. Nessa perspectiva, é intenção analisar as repercussões e os condicionamentos da reestruturação produtiva que envolve Itapetinga/BA, onde encontra-se instalado, o pólo calçadista Vulcabras/Azaléia que além de interferir de forma significativa no cotidiano dos funcionários e na dinâmica urbana da cidade. O artigo foi desenvolvido a partir de uma análise sobre precarização do trabalho e suas consequências. Assim há uma preocupação e tenta-se entender a dimensão da crise e a maneira como ela afeta diretamente a classe que vive e move-se para alcançar trabalho, num mundo cada vez mais fetichizado e dominado pelo capital.

Palavras-chave: Trabalho, Precarização, Mobilidade, Capital, Urbanização.

Introdução:

Na contemporaneidade, surgem novas formas de trabalho e isso torna a vida dos trabalhadores cada vez mais imprecisa, pois várias mudanças ocorreram indústrias e alteraram os processos e as relações de trabalho. Esses acontecimentos são decorrentes de um novo processo de acumulação do capital.

As indústrias, a fim de aumentarem seus lucros, promovem cortes de empregos, aumento da jornada de trabalho, reduzem os salários e assim rebaixam a qualidade de vida dos trabalhadores assalariados. A reestruturação produtiva surge na contemporaneidade como uma nova era para as indústrias representando, portanto, novas inovações, como a inclusão de novas técnicas e formas de trabalho voltadas para organizar o modo de produzir e gerar novos lucros com o discurso de que tudo isso visa o “bem-estar” dos trabalhadores e que esses tendem a “lucrar” com as novas oportunidades de empregos que estão por vir por intermédio das inovações das indústrias contemporâneas.

A Vulcabras/Azaléia, no início somente Azaléia, foi implantada em Itapetinga/BA em 1997¹, movida por interesses favoráveis a maiores lucros saiu do sul do Brasil de onde é originária e veio para o Nordeste onde receberam toda a facilidade para implantação do pólo, “O Estado da Bahia para o setor calçadista, oferece ‘terreno a

¹ Portal HSM. Disponível em <http://www.hsm.com.br/>, acesso em 14 Julho 2011.

preço incentivado', com disponibilização de energia elétrica, gás natural, telefone, água e esgoto no pórtico de acesso ao desenvolvimento”².

Todavia, atualmente, uma nova ameaça surgiu para os trabalhadores itapetingueses, a empresa anunciou à cidade que tende a expandir seus negócios para a Ásia. Devido a essa notícia, muitas demissões surgiram do início do ano até hoje e, assim, mais pressões foram feitas para os trabalhadores, no sentido de que melhorassem a produção, deixassem de faltar e diminuíssem as entregas de atestados médicos.

Foi com base nesses argumentos que desenvolvemos o presente artigo, que almeja analisar quais são as repercussões que o processo de reestruturação produtiva do capital, relacionadas às novas relações de trabalho e que trazem consigo o desemprego estrutural e as consequências que decorrem na vida desses trabalhadores descartados. Almeja-se entender a mobilidade do trabalho e as consequências do descarte da mão-de-obra operária que se torna cada vez mais dependente do sistema capitalista, colocando assim vários indivíduos a mercê de um processo que exclui, cada dia mais, uma maciça parte da sociedade.

O artigo foi desenvolvido com base em leituras sobre trabalho, reestruturação produtiva e indústria, e em observações e diálogos com os trabalhadores, tendo em vista a análise de como ocorre o processo de descarte. Está organizado em três partes. Na primeira, discutem-se os impactos da reestruturação produtiva nas indústrias contemporâneas, sendo que esse processo é o maior responsável pelo descarte e exploração dos trabalhadores; na segunda a implantação do pólo Vulcabrás/Azaléia na cidade de Itapetinga e as suas repercussões, sendo que a sua implantação reconfigurou tanto o espaço urbano da cidade como a vida dos trabalhadores; e, por fim, a atual situação dos trabalhadores descartados por esse pólo, as consequências das demissões em massa e a preocupação que aflige grande parte da população itapetinguense - o fechamento da indústria no Nordeste.

² Secretaria da Indústria, Mineração e Comércio (2008). Disponível em: <<http://www.sicm.ba.gov.br/>>, acesso em 14 Julho de 2011.

Impactos da reestruturação nas indústrias contemporâneas

A produção do espaço geográfico ocorre devido às diversas ações, essas tendo o homem como o principal agente de transformação, o mesmo através da produção do trabalho que é a condição fundamental para o desenvolvimento da sociedade. O homem é o primeiro ser que conquistou certa liberdade de movimentos em face da natureza. Através dos instintos e das forças naturais em geral, a natureza dita aos animais o comportamento que eles devem ter para sobreviver. O homem, entretanto, graças ao seu trabalho, conseguiu dominar em parte, as forças da natureza, colocando-as a seu serviço. (MARX, 1872 *apud* GOMES 1990, p.86). O trabalho é a força física desempenhada pelo ser humano, para que o mesmo possa desenvolver ações para a sua sobrevivência. Portanto, diversas são as causas e a maneira que essa função é praticada. Podemos analisar sua prática desde os tempos mais remotos, como na caça, coleta, agricultura, artesanato e manufatura, até, por fim, a maquinofatura.

Segundo Marx (1867 *apud* BOTELHO, 2004, p.4), “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana”.

Com a maquinofatura pôde-se observar o seu grande desenvolvimento e crescimento em função do trabalho operário industrial, que pode ser compreendido pelo processo da divisão territorial do trabalho, com especializações produtivas em locais determinados. A expansão industrial como uma expressão evidente da expansão capitalista que promove demasiadas transformações nos lugares que ocorre. Para Carvalhal:

O quadro de mercado de trabalho local revela em parte as estratégias do capital, que se evidenciam na busca por melhores condições de acumulação, ampliando as alternativas de exploração do trabalho e uso do território, na medida em que os esforços locais para atração de investimentos e de desenvolvimento permitem essas ampliação de alternativas, inclusive com a participação de entidades de representação dos trabalhadores nos diversos fóruns e negociações tripartites locais, regionais ou nacionais. (CARVALHAL, 2008, p.126).

São nessas condições que o trabalho é desenvolvido e em linhas gerais todas as transformações ocorridas, dando um destaque para grandes empresas que utilizam da força de trabalho dos indivíduos para aumentar a produtividade e a competitividade de seus produtos, concentrando a produção nas linhas de produtos competitivos,

compactando o processo produtivo, terceirizando as diversas atividades e reduzindo os espaços de trabalho, além de precarizá-los.

No âmbito da Geografia do Trabalho, vários autores pesquisaram sobre a sua mobilidade e precarização. Dentre eles, citamos Gaudemar (1977), Thomáz Júnior (2004) e Antunes (2005). Esses autores estão engajados nos estudos sobre a importância do trabalho, alguns centrando seu olhar na Geografia. Ainda sobre esse tema, podem-se encontrar várias pesquisas e trabalhos publicados no Centro de Estudo de Geografia do Trabalho (CEGeT)³, que se propõe a desenvolver pesquisas e estudos sobre os diferentes assuntos que recobrem a temática do trabalho.

Sendo isso, pesquisadores do CEGeT⁴ colocam que o trabalho deve ser visto e entendido, hoje, enquanto materialidade do processo de metabolismo societário do capital, contemplando a reestruturação produtiva, passando pelas experiências de sobrevivências dos trabalhadores, de resistência à proletarização, chegando ao assalariamento e as formas precarizadas, o mercado informal etc., bem como enquanto subjetividade, portanto, ações que partem das instâncias organizativas dos trabalhadores na forma de expressões particulares do movimento operário (sindicatos, centrais, associações, cooperativas, movimentos sociais populares etc.) e da classe trabalhadora em especial.

Para Antunes (2007) e Tomáz Júnior (2008), essas características acentuaram as desigualdades de rendas e a precarização do trabalho, como resultado da combinação de aspectos da reestruturação produtiva.

A reestruturação produtiva não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são predeterminados. Em sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária e reativas a graves choques nas situações e práticas sociais preexistentes e desencadeadora de uma intensificação de lutas competitivas pelo controle das forças que configuram a vida material. Assim, implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança. (SOJA, 1993 *apud* J. SANTOS, 2008, p.58).

³ Centro de Estudos de Geografia do Trabalho, disponível em < <http://www4.fct.unesp.br/ceget/> >

⁴ Tomaz Júnior, Os Desafios Rumo a um Projeto para o Brasil!
(*Intemperismo* do Trabalho e as Disputas Territoriais Contemporâneas),

Por isso, deve-se entender que o processo de reestruturação produtiva se define em um fenômeno, sendo ele responsável pela redefinição do papel das indústrias contemporâneas, um impulso para que possam ter ampla competitividade numa escala local e global.

Esse processo ainda se caracteriza, segundo Freire (2007), em função de dois elementos: inovação tecnológica (baseado na microeletrônica) e inovação organizacional (terceirização, just in time, controle de qualidade etc.). Portanto, a reestruturação produtiva surge com a chamada “Terceira Revolução Industrial” tendo como marco o Taylorismo⁵.

Para Freire (2007), a reestruturação produtiva acaba por trazer constantes mudanças, não somente para as indústrias, como também na vida dos trabalhadores e da sociedade onde são implantadas, também modificando a dinâmica urbana das cidades, traz inúmeras consequências nas áreas: econômica, políticas e sociais, o que afeta acima de tudo a vida do trabalhador, pois é exigido dos mesmo produção em massa, diminuição do seu poder sobre o processo de trabalho, sem falar nas angústias causadas pelo desemprego estrutural, pelos baixos salários, dentre outros fatores.

Alves (2004) define a reestruturação produtiva como bases objetivas da precarização do trabalho, a intensificação (e ampliação) da exploração (e espoliação) da força de trabalho, o desmonte de coletivos de trabalho e de resistência sindical-corporativa; assim como a fragmentação social nas cidades em virtude do crescimento exacerbado do desemprego em massa.

Essa definição observada por Alves está pautada nas transformações político-econômica do capitalismo, o que garante uma base sólida para maior acumulação de capital das indústrias, a chamada acumulação flexível.

Para Harvey:

[...] a acumulação flexível parece enquadrar-se como uma combinação simples das duas estratégias de procura de lucro (mais valia) definidas por Marx. A primeira, chamada de mais-valia absoluta, apóia-se na extensão da jornada de trabalho com relação ao salário necessário para garantir a reprodução da classe trabalhadora num dado padrão de vida. A passagem para mais horas de trabalho associados com uma redução geral do padrão de vida através da erosão do salário real ou da transferência do capital corporativo de regiões de altos

⁵ É o modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro estadunidense Frederick Taylor (1856-1915), que é considerado o *pai da administração científica*. Caracteriza-se pela ênfase nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência ao nível operacional. É considerada um subcampo da perspectiva administrativa clássica.

salários para regiões de baixos salários representa uma faceta da acumulação flexível de capital. (HARVEY, 1993, p. 174).

Tendo em vista todos esses fatores que intervêm na vida social e econômica dos trabalhadores, principalmente os que ganham baixíssimos salários e labutam em horas exorbitantes, a resultante é o desacredito nos sindicatos e na possibilidade de superação da situação atual, sobretudo para o caso dos que tornam-se desempregados ou seja foram descartados do mercado de trabalho.

A implantação do Pólo Vulcabrás/Azaléia em Itapetinga/BA

A Vulcabrás/ Azaléia foi implantada em Itapetinga, cidade no interior da Bahia, pertencente à Mesorregião do Centro-Sul Baiano e à Microrregião de Itapetinga; a distância do município para a capital do estado é de 562 km. A sua população, em 2010⁶, era de 68.273 habitantes; o PIB⁷ de Itapetinga é de R\$ 555 754 mil e o PIB per capita é de R\$ 8 432,78. A economia itapetinguense é movimentada pela pecuária, frigoríficos, indústria de calçados, a Vulcabrás/ Azaléia, localizada no Bairro Vila Isabel e os serviços, que têm 56,36% de participação na economia.

As contemporâneas formas de trabalho representam um novo modo de exploração dos trabalhadores que, ao invés de terem melhores condições de vida, terão a sua força de trabalho dominada ainda mais pelo o sistema de acumulação de lucros, via redefinição na localização dos pólos industriais. O que se pode observar é que, além da exploração dos trabalhadores, as indústrias hoje ainda procuram novas vantagens para implantar seus pólos em áreas que disponibilizam incentivos fiscais.

Foi exatamente isso que proporcionou a chegada da Azaléia na cidade de Itapetinga, a negociação das políticas econômicas municipais e estaduais que visava o aquecimento econômico da região com capital externo, com o discurso de gerar emprego e renda para a população itapetinguense, que tinha a sua economia originalmente marcada pela pecuária e pelo comércio.

Essa implantação foi uma iniciativa partida da elite da cidade, juntamente com interesses de ampliação de lucros da indústria sulista Vulcabrás/Azaléia. A empresa trouxe consigo a estimativa de empregar mais de dez mil funcionários, e sua chegada à cidade não gerou empregos somente na mesma, mas também nas áreas circunvizinhas. Logo, os investidores da indústria puderam analisar que o pólo implantado na região

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sinopse do censo demográfico 2010

⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tabelas de resultados- 2004-2008

Nordeste dava bons lucros, pois, além dos incentivos fiscais concedidos pelos representantes políticos, ainda havia a mão-de-obra barata. Assim, fecharam as suas portas no Rio Grande do Sul, lugar de origem, para tornar Itapetinga o pólo matriz da empresa. Com isso gerou-se mais empregos em Itapetinga e região circunvizinha.

Nessas condições, a empresa também atraiu trabalhadores que buscavam ser assalariados para Itapetinga, muitos dos quais tornaram sua força de trabalho uma propriedade do setor industrial. Portanto, a chegada da Azaléia também implicou na mobilidade de pessoas e contribuiu para o processo de precariedade do trabalho e nas condições de vida dos mesmos.

Essa precariedade inclui, além dos baixos salários, a questão do desemprego. Muitos trabalhadores foram descartados do pólo nos últimos três anos e muitas das demissões foram justificadas pelos empresários devido ao acúmulo da produção e a baixa das vendas e exportações, além da alta concorrência com os produtos dos países asiáticos. Todavia, sabe-se que a expansão industrial como uma expressão evidente da expansão capitalista promove demasiadas transformações nos lugares que ocorre. Para Carvalhal:

O quadro de mercado de trabalho local revela em parte as estratégias do capital, que se evidenciam na busca por melhores condições de acumulação, ampliando as alternativas de exploração do trabalho e uso do território, na medida em que os esforços locais para atração de investimentos e de desenvolvimento permitem essas ampliação de alternativas, inclusive com a participação de entidades de representação dos trabalhadores nos diversos fóruns e negociações tripartites locais, regionais ou nacionais. (CARVALHAL, 2008, p.126).

Todavia, atualmente, uma nova ameaça surgiu para os trabalhadores itapetingueses, a empresa anunciou à cidade que tende a expandir seus negócios para a Ásia. Devido a essa notícia, muitas demissões surgiram do início do ano até hoje e, assim, mais pressões foram feitas para os trabalhadores, no sentido de que melhorassem a produção, deixassem de faltar e diminuíssem as entregas de atestados médicos.

Por isso, é necessário analisar quais são as repercussões que o processo de reestruturação produtiva do capital, relacionadas às novas relações de trabalho e que trazem consigo o desemprego estrutural e as consequências que decorrem na vida desses trabalhadores descartados.

A atual situação dos trabalhadores descartados

Vale ressaltar que a centralidade destas reflexões focaliza-se na mobilidade do trabalho e nas constantes demissões engendradas pela Vulcabrás/Azaléia, abrindo uma discussão sobre a precarização e as condições de vida dos trabalhadores descartados da indústria contemporânea. Nessa perspectiva, é intenção analisar as repercussões e os condicionamentos da reestruturação produtiva, que traz consigo novas técnicas de trabalho, causando alguns impactos negativos na vida dos trabalhadores, como aumento da produção, baixos salários e demissões. Isso envolve Itapetinga/BA, pois essa empresa, além de interferir de forma significativa no cotidiano dos funcionários e na dinâmica da cidade, é responsável por uma parcela de empregos na região.

A questão do descarte dos trabalhadores desencadeia uma análise sobre o desemprego estrutural, as consequências da reestruturação produtiva e todos os fatores que interferem na vida pessoal e profissional do trabalhador implicando assim a sua mobilidade. Pouco se conhece sobre os motivos das grandes demissões que ocorrem nas grandes indústrias contemporâneas, como também as consequências dessas na vida dos trabalhadores.

Além de ressaltar autores que estudam este tema, no que tange a cidade de Itapetinga, é importante citar as pesquisas de Luft (2011), que aborda a segregação socioespacial em Itapetinga/BA, em função da implantação do pólo calçadista Vulcabrás/Azaléia; de Souza (2010), que discute sobre a política e economia de Itapetinga na década de 1990; e de Souza e Ferreira Júnior (2008), que falam sobre o uso do solo urbano para fins residenciais no município de Itapetinga, pautados no caso do bairro Américo Nogueira.

Tratando-se do trabalho na indústria mencionada, percebe-se que funciona com base na precarização, pois os trabalhadores não têm segurança e nem planos de futuro, e as condições de trabalho bastante inóspitas. Por outro lado, a empresa sempre tende a desempregar, como forma de baratear seus custos de produção. A questão do descarte dos trabalhadores é algo preocupante, tanto para economia da cidade quanto para a própria situação do desempregado, sendo que muitos, ao serem descartados da indústria, se veem em difícil situação. Em geral, muitos, que migraram de outras cidades para Itapetinga, em função da demissão, procuram trabalhos autônomos, em ramos ligados aos serviços ou ao comércio, acentuando-se pelo fato de que, atualmente, há sempre muita dificuldade para encontrar algum emprego estável.

Todavia, com a ameaça da expansão dos negócios para a Ásia, essa preocupação passou a atingir não somente Itapetinga, mas a toda região circunvizinha, onde grande parte dos trabalhadores depende da indústria para sua sobrevivência. Caso ocorra essa alteração, mais desempregados surgirão e mais dificuldades para Itapetinga e região irão aprofundar as desigualdades, reconfigurando as áreas rurais e urbanas local, mas, principalmente, afetar as condições de vida dos trabalhadores descartados.

Através de um estudo mais acurado sobre os processos de trabalho, percebe-se como as novas formas no período atual do capitalismo modificam a natureza do trabalho e coloca assim os itapetinguenses como dependentes desse grande manipulador que é o pólo calçadista Vulcabras/Azaléia, onde a concorrência e os preços das mercadorias definem os lucros da empresa, e o padrão de vida dos trabalhadores que pela produção da mesma recebem um salário; ou seja, as suas horas de trabalho tornam-se também mercadoria. Para Marx:

O que o trabalhador vende não é diretamente o seu trabalho, mas a sua *força de trabalho*, cedendo temporariamente ao capitalista o direito de dispor dela. Tanto é assim, que não sei se as leis inglesas, mas, desde logo, algumas leis continentais fixam o máximo de tempo pelo qual uma pessoa pode vender a sua força de trabalho. Se lhe fosse permitido vendê-la sem limitação de tempo, teríamos imediatamente restabelecida a escravatura. Semelhante a venda, se o operário se vendesse por toda a vida, por exemplo, convertê-lo-ia sem demora em escravo do patrão até o final dos seus dias.(MARX, Karl, 1985, p.98).

Para o autor, o valor do trabalho do indivíduo se iguala ao valor de qualquer mercadoria, a força de trabalho torna-se algo a ser negociado. Os trabalhadores do pólo calçadista Azaléia não são donos da sua força de trabalho, porque ela é dominada pelo o pólo, que, quando não precisa mais dos mesmos, os demitem. Assim, os trabalhadores tornam-se descartáveis, ficando a mercê da indústria e sua vida numa constante instabilidade.

A empresa estabeleceu na cidade e região uma crescente insatisfação, devido as suas condições de trabalho e salários pagos, e, ao mesmo tempo ainda traz uma grande ameaça não só para os trabalhadores, mas para a economia da cidade e região a sua migração para países asiáticos, o que traz a tona a veracidade da frase dos economistas contemporâneos: “*o capital não tem pátria*”.

Considerações finais

As indústrias contemporâneas sempre se apropriarão de lucros, inserindo as suas novas formas e técnicas, não fincando “raízes” e se intensificando a exploração dos trabalhadores. Assim, o deslocamento para a região Nordeste marca exatamente essa nova fase do capitalismo mundial.

O descarte dos trabalhadores em Itapetinga é uma questão que perdurará por muito tempo, pois essa é a nova lógica do capital, a inserção de novas formas dentro das indústrias contemporâneas. Isso significa dizer que a persistência da crise estrutural definirá os modos de reprodução e os seus limites. Em Itapetinga, o cenário das mudanças não é diferente. Desde a chegada do pólo até os dias atuais são inúmeras as mudanças e a empresa é uma grande manipuladora, tanto dos trabalhadores como da vida social de muitos indivíduos.

Atualmente, essa rege grande parte da economia da região e faz com que muitos se preocupem com a garantia de suas condições materiais de existência, o que diz respeito à instabilidade em suas condições de vida. Precisamente, diz respeito à fomentação de uma massa trabalhadora desempregada.

No entanto, o que se pode perceber da realidade dos descartados do pólo é que muitos vão procurar outras atividades, principalmente, sob a forma de “bicos”, no comércio, em setores privados ou no serviço autônomo. Todavia, é grande também a quantidade dos que não conseguem uma atividade econômica para se manter, o que torna a situação mais complicada, pois muitos desses trabalhadores ficam a mercê do desemprego e as consequências que esse processo desencadeia implica no seu empobrecimento.

Todas as discussões realizadas no decorrer deste artigo sobre as repercussões que o processo de reestruturação produtiva do capital, relacionadas às novas relações de trabalho e que trazem consigo o desemprego estrutural e as consequências que decorrem na vida desses trabalhadores descartados, estão em processo de amadurecimento. Almeja-se, com isso, entender a mobilidade do trabalho e as consequências do descarte da mão-de-obra operária que se torna cada vez mais dependente do sistema capitalista, colocando assim vários indivíduos a mercê de um processo que exclui, cada dia mais, uma maciça parte da sociedade.

Referências

ALVES, G. **O novo e o precário mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000

ANTUNES, R. **A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil**. (Org). São Paulo, Ed. Boitempo, 2007.

BOTELHO, A. **Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço num contexto de mudanças das estratégias de acumulação do capital**. São Paulo: Annablume, 2008

CARVALHAL, T. B. (Org). **Geografia e Trabalho no século XXI** (Vol.2). Presidente Prudente, 2008.

Centro de Estudos de Geografia do Trabalho. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/>>, acesso em 14 Julho 2011.

GOMES, H. **A produção do espaço geográfico no capitalismo**. São Paulo: Contexto, 1990.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: São Paulo: Loyola, 1993

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sinopse do Censo demográfico 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/>>, acesso em 14 Julho 2011.

MARX, K. **O capital**. (Vol. I). 2 ed, São Paulo: Vova Cultural, 1985.

Portal HSM. Disponível em <<http://www.hsm.com.br/>> , acesso em 14 Julho 2011.

SANTOS, J. **A cidade poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano em Salvador**. 2008. 402f. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

Secretaria da Indústria, Mineração e Comércio (2008). Disponível em: <<http://www.sicm.ba.gov.br/>>, acesso em 14 Julho de 2011.

THOMAS JÚNIOR, A. (Org). **Os Desafios Rumo a um Projeto para o Brasil! (Intemperismo do Trabalho e as Disputas Territoriais Contemporâneas)**. Presidente Prudente, 2011.

THOMAS JÚNIOR, A. (Org). **Geografia e Trabalho no século XXI**.(Vol.).Presidente Prudente: Centelha, 2004.

